

CAPITAL CULTURAL E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

Cultural capital and education: a case study with higher education students
Capital cultural y educación: un estudio de caso con estudiantes de educación superior

Charles Henrique Voos¹

Amanda Rautenberg Pereira²

Resumo

Considerando os impactos do contexto familiar e social na Educação Básica e seus resultados na vida dos alunos, objetiva-se compreender de que forma a trajetória escolar interfere na vida acadêmica no ensino superior tendo em conta o capital cultural e demais conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu. Para tanto, procede-se ao estudo de caso com alunos dos cursos de graduação de Pedagogia e de Direito de uma instituição de ensino superior de Joinville, utilizando-se de questionários como instrumento de coleta de dados. Desse modo, observou-se que as realidades sociais presentes nos diferentes contextos impactam diretamente o desempenho acadêmico dos estudantes e relacionam-se com demais valores culturais de seu meio familiar.

Palavras-chave: Educação; Capital cultural; Trajetória escolar; Violência simbólica; Arbitrário cultural.

Abstract

Considering the impacts of family and social contexts on Basic Education and its results in students' lives, this work aims to understand how school trajectory affects academic life in higher education, through the lenses of cultural capital and other concepts by the sociologist Pierre Bourdieu. Therefore, a case study is carried out with students from Pedagogy and Law undergraduate courses from a higher education institution in Joinville, using questionnaires as instrument for data collection. Thus, it was observed that social realities present in different contexts directly impact the academic development of students and are related to other cultural values of their family environment.

Keywords: education; cultural capital; school trajectory; symbolic violence; cultural arbitrary.

¹ Graduado em Ciências Sociais - Ênfase em Gestão Pública pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (2009) e tecnólogo em Gestão Pública (2007). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2012). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2016).

² Graduada em Pedagogia pela Associação Catarinense de Ensino Faculdade Guilherme Guimbala (2021). Graduanda em Sociologia pela UNIASSELVI. Especialização em Direitos Humanos na Educação e Diversidade em andamento pela CENSUPEG.

Resumen

Considerando los impactos de los contextos familiar y social en la Educación Básica y sus resultados en la vida de los estudiantes, este estudio procura comprender de qué manera la trayectoria escolar interfiere en la vida académica en la educación superior, teniendo por base el capital cultural y otros conceptos del sociólogo Pierre Bourdieu. Para ello, se realiza un estudio de caso con estudiantes de las carreras de Pedagogía y Derecho de una institución de educación superior de Joinville, utilizando cuestionarios como instrumento de recolección de datos. Así, se observó que las realidades sociales presentes en diferentes contextos impactan directamente el desarrollo académico de los estudiantes y se relacionan con otros valores culturales de su entorno familiar.

Palabras clave: Educación; Capital cultural; Trayectoria escolar; Violencia simbólica; Arbitrario cultural.

Introdução

Levando em consideração o problema de pesquisa a respeito dos impactos do contexto familiar e social na Educação Básica e seus resultados na vida dos acadêmicos, necessita-se compreender as relações que envolvem esta questão. Para tal fim, elencamos algumas situações que precisam ser evidenciadas nesta pesquisa, como, por exemplo, qual é o impacto do capital cultural (BOURDIEU, 2007), conceito que diz respeito aos valores e hábitos advindos do contexto familiar e social, e de que forma as questões relacionadas a ele interferem na trajetória escolar dos alunos, para buscar verificar se as diversidades de cor e raça, diferenças de faixas etárias e desigualdades de classe culminam em desigualdades escolares.

Acreditamos que tais desigualdades se explicam pelas diferenças sociais presentes dentro do sistema de ensino, tais como econômicas, culturais e familiares. Estas nuances influenciam diretamente as oportunidades acadêmicas e profissionais, além do desenvolvimento acadêmico dos alunos, gerando segregação e desigualdade. Estas evidências serão comprovadas a partir da aplicação de um questionário, já que visamos levantar dados quantitativos e qualitativos.

Assim, para atingir nosso objetivo central, ou seja, comparar o desempenho acadêmico dos alunos dos cursos de Pedagogia com o de Direito, de uma instituição de ensino superior de Joinville/SC, mediante o conceito de capital cultural, dividimos nossas discussões em quatro momentos antes das considerações finais: primeiramente, o tópico intitulado “Pierre Bourdieu e os

capitais”, versará sobre a teoria geral dos capitais de Pierre Bourdieu, caracterizando cada um deles. Após isso, o segundo momento, “Capital cultural e educação”, apresentará uma discussão sobre as relações do capital cultural e suas influências dentro do sistema educacional seguida de uma discussão a respeito de “arbitrário cultural e violência simbólica”.

Por fim, a última parte, “Trajetória escolar e excluídos do interior”, abordará as questões de exclusão social e diversidade envolvidas no processo educacional e na trajetória escolar. Dessa forma, visamos atingir nossos objetivos específicos, os quais são levantar dados e analisá-los dialogando de forma qualitativa com as relações e conexões que se possa estabelecer com base no referencial teórico adotado.

I. Pierre Bourdieu e os capitais

Pierre Félix Bourdieu (1930-2002) foi um sociólogo francês que dedicou sua vida e suas obras a diversas áreas do conhecimento, como educação, cultura e vida urbana. Um de seus principais estudos foi a respeito da “teoria dos capitais”, o que abriu portas para discussões a respeito de diversas questões relacionadas à educação. Nesse sentido, pode-se afirmar que nossa pesquisa se dá a partir do estudo dessa teoria.

Primeiramente, é preciso considerar que, como afirma Bourdieu (2007, p. 246), uma das transformações que afetou o sistema de ensino foi “[...] a entrada no jogo escolar de categorias sociais que, até então, consideravam-se ou estavam praticamente excluídas da escola, como os pequenos comerciantes, os artesãos, os agricultores [...]”. Assim, essas categorias sociais são diretamente afetadas pelo meio escolar de acordo com os seus capitais. Porém, para o autor,

[o] que os indivíduos devem à escola é, sobretudo, um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns (BOURDIEU, 2018, p. 207).

Diante disso, precisamos compreender o que é um capital, ou seja, diversos elementos pertencentes a um indivíduo, como uma casa, empresa, comunidade ou nação. Além disso, ele se caracteriza por dar segurança e

poder (investido ou acumulado), segundo Lebaron (2017). Bourdieu distingue os quatro capitais como econômico, social, simbólico e cultural.

O capital econômico é “[...] uma extensão da noção corrente de ‘patrimônio’. Ele é ‘naturalmente’ avaliado em unidades monetárias, mas é também muitas vezes físico [...] ‘posses’ diversas etc.” (LEBARON, 2017, p. 101). Ou seja, é quanto um indivíduo ou um grupo possui para gastar e usufruir dos seus bens. Já o capital social se trata das “[...] ‘relações pessoais’ enquanto recursos possuídos por uma pessoa, uma família, [...], ‘comunidade’ ou em qualquer entidade político-administrativa.” (LEBARON, 2017, p. 102).

O capital simbólico é a valorização dos elementos culturais e patrimônios imateriais. Para Timóteo e Carvalho (2016, p. 197), “[...] o poder simbólico se estrutura através dos sistemas simbólicos como a arte, a educação, a língua, a religião, entre outras instâncias do social.” Assim, ele “[...] é definido pelo ‘olhar’ depositado (o ‘valor’ dado) pelo resto da sociedade sobre esse indivíduo (e, respectivamente, sobre esse grupo, essa instituição, esse país).” (Lebaron, 2017, p. 102). E, por fim, tem-se o capital cultural.

2. Capital cultural e educação

O capital cultural é um termo que define a bagagem cultural que se obtém por diferentes influências familiares e culturais: valores, conhecimentos, habilidades, gostos. No entanto, “as desigualdades sociais diante do êxito escolar não se vinculam tanto [...] a diferenças de riqueza, mas a diferenças culturais” (JOURDAIN; NAULIN, 2017, p. 61). Nesse sentido, o capital cultural exigido pela escola se diferencia daquele a que as classes populares da sociedade são expostas. Sendo assim, aqueles que obtêm o capital cultural esperado pela escola são favorecidos pelo sistema educacional, enquanto os que não o possuem são excluídos.

Para compreender esse conceito, é preciso entender como ocorre a “batalha das ideias”. Utilizando-se os conceitos de Gramsci e Rodrigues (2007, p. 77), compreende-se que “[...] é necessário ‘ganhar a batalha das ideias’, evidentemente [...] os intelectuais organizam a cultura. Eles definem os parâmetros pelos quais os homens concebem o mundo em que vivem.” Ou seja, as camadas superiores da sociedade são aquelas que ditam a cultura e

seus padrões. Os intelectuais da cultura erudita moldam, segundo os seus interesses, o modelo da sociedade ideal, o qual também atinge a educação.

Diante disso, é possível compreender como o conceito de capital cultural está presente no êxito escolar. A cultura escolar expressa, por meio do currículo e das avaliações, o que a cultura erudita aprecia e dita como correto ou belo. Para Bourdieu (2007, p. 55), “a cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originárias de um meio pequeno burguês [...] não podem adquirir, senão penosamente, o que é herdado pelos filhos da classe cultivada”. Dessa forma, os filhos herdam o capital cultural de seus pais. Sendo assim, essa cultura elitista da classe dominante, a qual é valorizada, apreciada e incentivada, é aquela a que os alunos do ensino básico são expostos. Pode-se dizer ainda que

[e]les valorizam assim as práticas culturais elitistas tradicionais (audição de música clássica, frequência dos museus, leitura de obras clássicas) que requerem reserva e distância. De outro lado, os dominantes mais ricos (donos do comércio e da indústria, profissões liberais...) têm uma moral hedonista do consumo e de suas práticas culturais, mesmo sendo inteiramente elitistas (viagens, compra de obras de artes...) (JOURDAIN; NAULIN, 2017, p. 106).

Essa valorização da cultura elitista tradicional caracteriza o capital cultural das classes dominantes (que, como vimos, determinam os padrões da sociedade por meio de sua dominação) e, como consequência, a cultura escolar. Portanto, os alunos provenientes de famílias abastadas da sociedade, que têm acesso a esse tipo de capital cultural (o qual é exigido pela escola), têm mais facilidade de atingir o êxito escolar devido às suas vivências em seus núcleos familiares. A respeito da cultura erudita, Bourdieu afirma:

[...] a descrição científica da relação que os mais carentes mantêm com a cultura erudita tem toda a oportunidade de ser compreendida, seja como uma maneira dissimulada de condenar o povo à ignorância, seja, pelo contrário, como uma maneira dissimulada de reabilitar ou de celebrar e incultura (BOURDIEU, 2001, p. 17).

A respeito disso, traça-se o conceito de *habitus*, ou seja, “[...] o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir [...]”, (WACQUANT, 2017, p. 214). Nesse sentido, os costumes e valores de uma determinada classe são definidos e reproduzidos de acordo

com o *habitus* que aquela família carrega como herança, incorporando-o no pensamento e nas ações dos indivíduos.

Diante disso, é possível observar mais claramente as desigualdades sociais presentes na escola. A eliminação ou a autoeliminação (que ocorre quando os próprios alunos desistem da escola ou são desestimulados por ela), conceito denominado por Bourdieu como os “excluídos do interior” (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2001) é cada vez mais frequente, uma vez que o sistema escolar é eliminatório e classificador. Alunos que possuem mais chances de alcançar o êxito escolar são privilegiados, enquanto outros são colocados em posição de repetência. Nesse contexto, percebe-se que a escola não dá igualdade de chances, mas reproduz as desigualdades sociais por meio de um discurso meritocrático.

Em um cenário em que a “batalha das ideias” é ganha por aqueles que dominam a sociedade, outros são prejudicados, especialmente aqueles que são dominados. Dessa forma, os mais afetados são as crianças vindas de classes populares, as quais sofrem mais eliminação pelo atraso escolar (JOURDAIN; NAULIN, 2017, p. 61). Para Bourdieu, os filhos oriundos de camadas desfavorecidas da sociedade são os mais excluídos. Ele afirma que

não recebendo de suas famílias nada que lhes possa servir em sua atividade escolar, a não ser uma espécie de boa vontade cultural vazia, os filhos das classes médias são forçados a tudo esperar e a tudo receber da escola, e sujeitos, ainda por cima, a ser repreendidos pela escola por suas condutas por demais “escolares” (BOURDIEU, 2007, p. 55).

3. Arbitrário cultural e violência simbólica

A partir disso, pode-se conceituar o que é arbitrário cultural, ou seja, a exclusão e eliminação de alguns em favor de outros. Em um contexto em que as classes abastadas se sobressaem, os de classes inferiores são excluídos. Define-se, então, arbitrário cultural como sendo um padrão imposto e cobrado, o qual, conseqüentemente, gera eliminação dos que não se adéquam. No contexto escolar, pode-se dizer que o capital cultural imposto gera o arbitrário cultural, ou seja,

[o]s saberes e todos os conteúdos curriculares transmitidos e veiculados pelos sistemas de ensino, e considerados como a cultura legítima, não construiriam senão o arbitrário cultural dominante, isto

é, a cultura e os saberes das classes dominantes, sem nenhuma relação de superioridade intrínseca com as outras variantes culturais (NOGUEIRA, 2017, p. 37).

Segundo Rodrigues (2007, p. 73), “[...] esse arbitrário cultural nada mais é do que a concepção cultural dos grupos e classes dominantes, que é imposta a toda sociedade através do sistema de ensino.” Dependendo do capital cultural, muitos não conseguirão alcançar esse padrão, o que gera a autoeliminação (o *habitus* proveniente da sua classe social reproduz o fracasso escolar, juntamente com o capital econômico proveniente do grupo social em que está inserido).

O arbitrário cultural também é responsável pela violência simbólica a qual esses alunos são submetidos. Segundo Mauger (2017, p. 360), essa violência “[...] impõe uma tripla arbitrariedade (a do poder imposto, a da cultura inculcada e a do modo de imposição).” Essa imposição ocorre mediante o padrão estabelecido pelo sistema de ensino, o qual somente aqueles que possuem o capital cultural exigido pela escola conseguem alcançar.

Assim, é inevitável que a violência simbólica ocorra. A partir do momento em que o capital cultural exigido pelo sistema de ensino é incorporado no trabalho pedagógico do professor, o arbitrário cultural se faz presente e a tendência é reproduzir essa violência. Dessa forma, o espaço escolar se torna responsável pela reprodução das desigualdades sociais, uma vez que a cultura elitista é valorizada e, por consequência, os que pertencem às classes dominadas são eliminados ou prejudicados pela falta de capital cultural da cultura legítima. Assim, o *habitus* é incorporado no trabalho docente do sistema escolar, reproduzindo o arbitrário cultural. Nesse sentido, ao mencionarmos a palavra *habitus*, queremos nos referir ao trabalho do professor que se torna repetitivo e incapaz de fugir da reprodução social das classes, contribuindo para a reprodução das desigualdades dentro do sistema escolar.

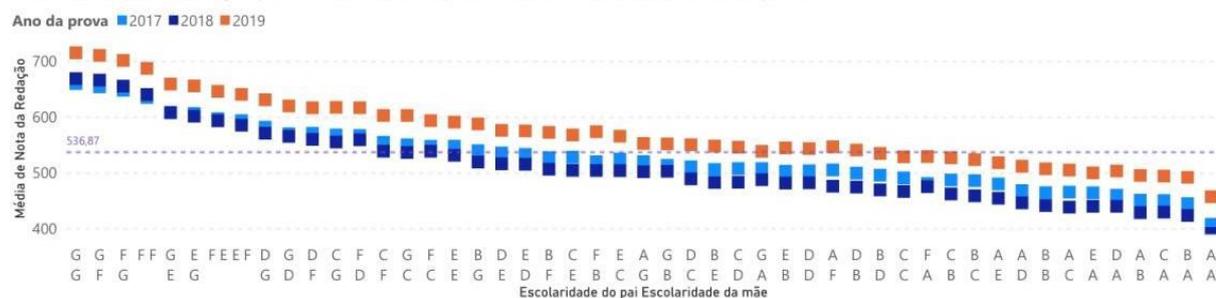
4. A trajetória escolar e os excluídos do interior

Na pesquisa de Autor 1 (2021), é possível analisar alguns dados a respeito da nota da redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de

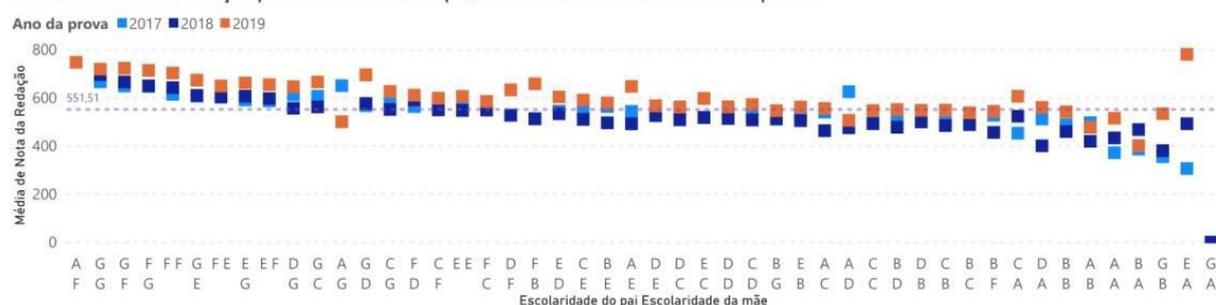
2017, 2018 e 2019 em relação à escolaridade dos pais de candidatos brasileiros, bem como de residentes na cidade de Joinville/SC, recorte de sua pesquisa.

GRÁFICO 1 – MÉDIA DA NOTA DA REDAÇÃO POR ESCOLARIDADE DO PAI, ESCOLARIDADE DA MÃE E ANO DE PROVA

Média de Nota da Redação por Escolaridade do pai, Escolaridade da mãe e Ano da prova



Média de Nota da Redação por Escolaridade do pai, Escolaridade da mãe e Ano da prova



Fonte: Autor 2 (2021, p. 12).

Conforme mostra o gráfico, a nota da redação do ENEM é proporcional à escolaridade dos pais, ou seja, quanto maior é o nível de sua escolaridade, maior foi a nota da redação. Isso nos mostra que filhos de famílias em que os seus membros têm maior grau de escolaridade, tendem a ter melhores notas.

A partir desse exemplo, pode-se traçar o conceito de trajetória escolar, isto é, os caminhos que o estudante percorrerá na sua vida acadêmica, que “[...] não é completamente determinada pelo pertencimento a uma classe social e, portanto, [...] se encontra associada também a outros fatores, como as dinâmicas internas das famílias e as características ‘pessoais’ dos sujeitos”. Dessa forma, afirma que a trajetória escolar é influenciada pela cultura familiar em que o aluno está inserido (NOGUEIRA, 2004, p. 135).

Para Nogueira (2004, p. 135), a família é responsável por constituir no sujeito predisposições ou gostos para atividades específicas (como o mundo dos negócios, por exemplo), integrando-o em algum grupo social. Assim, a

carreira escolar é desenvolvida aos poucos e “[...] o valor escolar de um indivíduo vai constituindo-se e adquirindo consistência, de forma a possibilitar [...] algum prognóstico quanto ao futuro do percurso dentro do sistema de ensino.”

Nesse sentido, a reprodução das desigualdades é incontestável, uma vez que a transmissão do capital cultural ocorre entre as classes sociais, ou seja, “[...] a estrutura de distribuição dos instrumentos de apropriação dos bens simbólicos que uma formação social seleciona como dignos de serem desejados e possuídos.” (BOURDIEU, 2018, p. 297). Assim, é possível reconhecer os “excluídos do interior” como aqueles que são desfavorecidos em sua trajetória escolar. Sobre isso, Bourdieu (1993, p. 483) afirma:

[o]s alunos ou estudantes provenientes das famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter, ao fim de uma longa escolaridade, muitas vezes paga com pesados sacrifícios, um diploma desvalorizado; e, se fracassam, o que segue sendo seu destino mais provável, são votados a uma exclusão, sem dúvida, mais estigmatizante [...].

Assim, é possível perceber o ciclo em que os indivíduos (sobretudo os alunos) estão inseridos. Os conceitos de capital cultural, arbitrário cultural, violência simbólica e trajetória escolar estão estreitamente conectados. A partir disso, relacionaremos as teorias expostas com a pesquisa feita em uma instituição de ensino superior de Joinville/SC, no intuito de compreender como o capital cultural se relaciona com as trajetórias escolares de seus alunos.

Procedimentos metodológicos

Essa pesquisa foi descritiva, tendo como propósito analisar a relação entre os contextos familiares e sociais presentes na vida dos estudantes na educação básica e o desempenho acadêmico no ensino superior. Assim, ela se caracterizou por buscar descrever um fenômeno ou experiência (GIL, 2008) que ocorre em determinado grupo, situação ou espaço.

Quanto à abordagem, a pesquisa foi qualitativa, ou seja, buscou analisar os resultados e refletir sobre os mesmos como construção do conhecimento, como afirma Flick (2009, p. 23). Além disso, também é uma pesquisa quantitativa, que se refere “[...] à capacidade de um instrumento

para medir de fato aquilo que se propõe a medir.” (GIL, 2008, p. 176), pois houve levantamento de dados. Dessa forma, foi feito um estudo de caso, que é uma pesquisa com determinado grupo, indivíduo ou comunidade para averiguar algum fenômeno em seu entorno (CERVO; BERVIAN, 2002).

Para isso, o instrumento de coleta de dados foi um questionário, que é “[...] a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações [...]” (GIL, 2008, p. 121). Este foi distribuído por meio da ferramenta *online google forms* aos alunos dos cursos de Pedagogia e Direito de uma instituição de ensino superior em Joinville/SC e obtivemos 81 respostas, sendo 38 do curso de Pedagogia e 43 do curso de Direito. Após isso, os dados foram tratados nos *softwares* Microsoft Excel e Microsoft Power BI com a finalidade de criar tabelas e correlacionar dados.

A escolha desses dois cursos se deve às diferentes realidades acadêmicas, quanto às experiências profissionais em estágios realizados durante os cursos, encontradas em cada área (educacional e judiciária), isto é, as diferentes atividades e tarefas realizadas no mercado de trabalho. Além disso, levou-se em consideração os diferentes conhecimentos abordados em cada curso e perfis distintos de profissionais presentes em cada área.

Análise dos dados

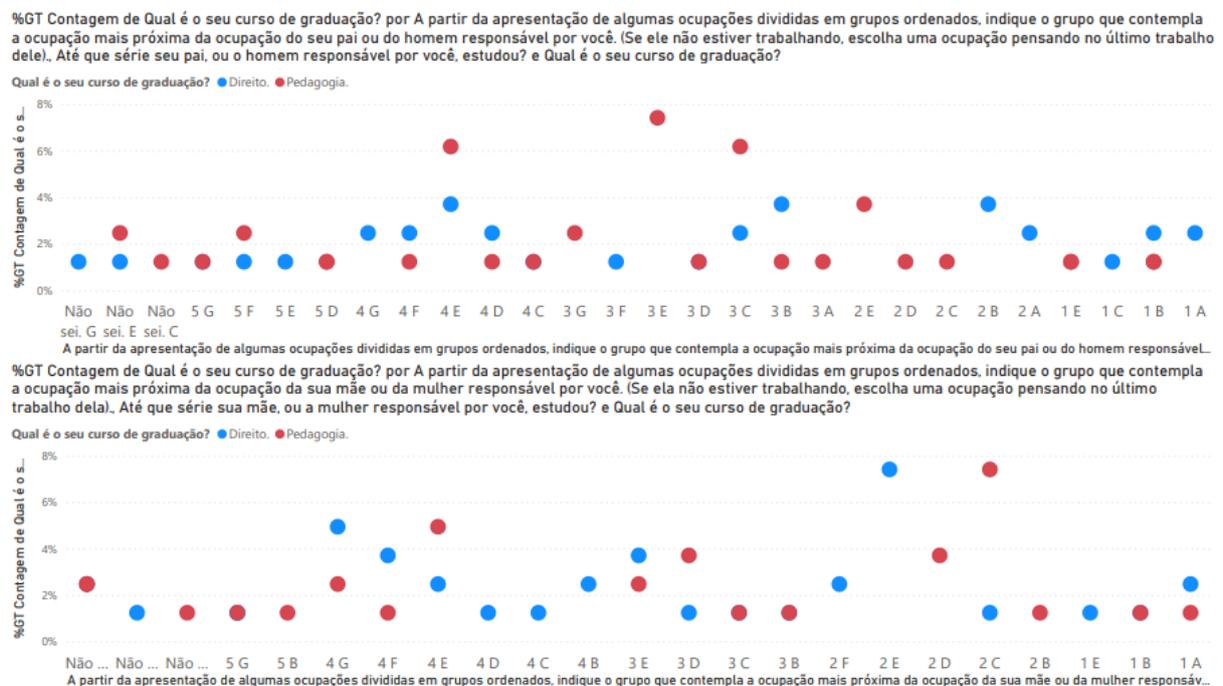
A partir dos dados coletados, foi possível relacionar algumas informações (como escolaridade dos pais/responsáveis bem como sua ocupação, nota de desempenho acadêmico, cor/raça, idade, dentre outros) e construir gráficos de acordo com as respostas de cada curso de graduação pesquisado. Em vermelho está representado o curso de Pedagogia e, em azul, o curso de Direito. As informações na parte inferior de cada gráfico correspondem respectivamente ao cruzamento das opções de resposta de cada pergunta.

pais/responsáveis não chegaram a completar o ensino médio e alguns nem a oitava série/nono ano.

Já dos acadêmicos de Direito, a maioria relatou que não havia apoio familiar aos estudos, também correspondendo à escolaridade incompleta dos pais/responsáveis. Em alguns casos, em ambos os cursos, isso diverge no sentido de, apesar de haver apoio familiar, os pais/responsáveis conseguiram completar algum grau de escolaridade.

Dessa forma, podemos observar nitidamente o conceito do *habitus* familiar nessa realidade. Em sua grande maioria, os acadêmicos que tiveram apoio escolar de suas famílias também possuem pais/responsáveis que completaram seus estudos. Assim, é possível traçar uma conexão do incentivo aos estudos de pais que estudaram com o capital cultural repassado como herança aos filhos, sendo algo já presente no seio familiar desse meio. A tendência da trajetória escolar dos filhos é continuar estudando, pois tiveram esse incentivo de seus pais/familiares.

GRÁFICO 3 – CONTAGEM DE OCUPAÇÃO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS, ESCOLARIDADE DOS PAIS/RESPONSÁVEIS E CURSO DE GRADUAÇÃO



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

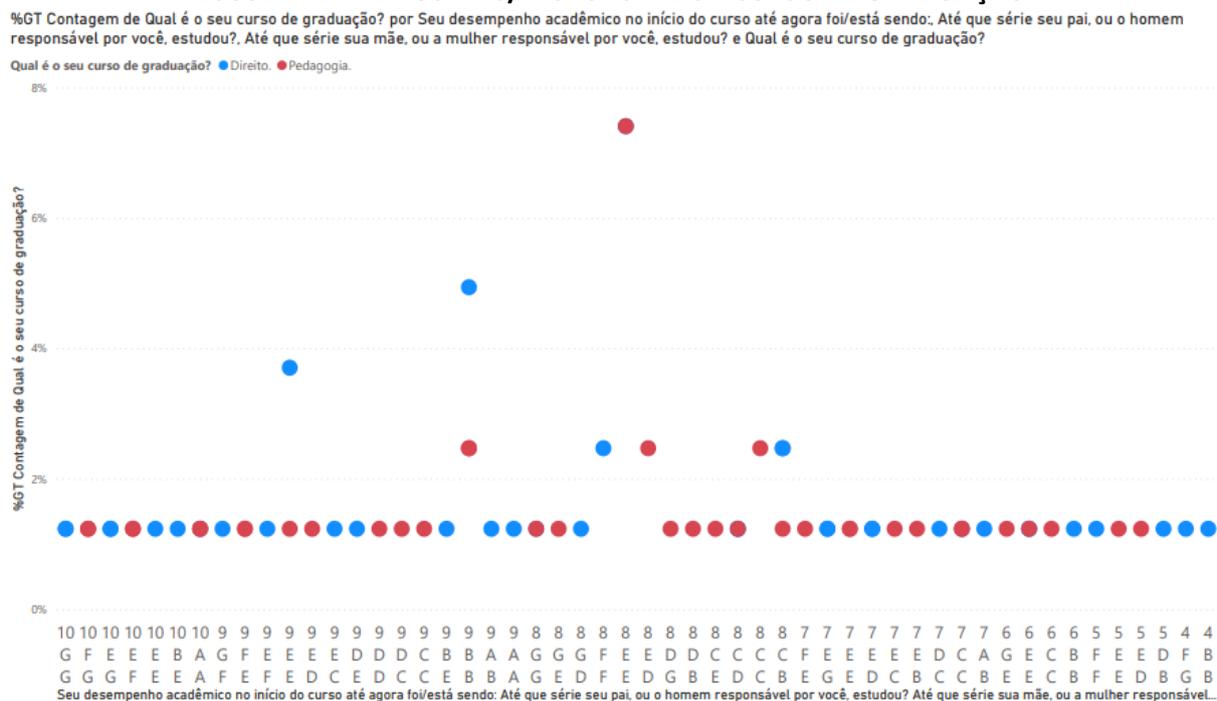
Já neste conjunto de dados relacionamos, respectivamente, a ocupação do pai/homem e da mãe/mulher responsáveis pelo aluno com a escolaridade equivalente. No primeiro conjunto, percebe-se que, na Pedagogia, a maior porcentagem está no grupo 3 (o que corresponde a padeiros, cozinheiros, mecânicos, operários de fábrica, dentre outros) com escolaridade até o ensino médio.

No segundo conjunto, na Pedagogia, a maior porcentagem está no grupo 2 (o que corresponde a diaristas, vigilantes, caixas, cuidadores de idosos, dentre outros) com escolaridade até a graduação, porém sem completar a pós-graduação. Já no Direito, os gráficos também são semelhantes em relação ao pai/homem e à mãe/mulher responsáveis pelo aluno.

Percebe-se que as maiores porcentagens também estão nos grupos 2 e 3 e que a escolaridade corresponde ao ensino fundamental ou ensino médio incompletos. São raras as porcentagens que marcam as ocupações como engenheiro, médico, psicólogo, professor, microempreendedor e outras desse ramo, que correspondem à escolaridade de nível superior ou com pós-graduação concluídas. Entretanto, quando se analisa especificamente esses casos, percebe-se que as porcentagens maiores estão entre os acadêmicos de Direito e não na Pedagogia.

A partir desses dados, é possível considerar as questões relacionadas anteriormente com o prestígio social das classes mais abastadas da sociedade e suas profissões e, conseqüentemente, a reprodução desse padrão para as gerações futuras a partir dos pais. Dessa forma, analisa-se que a porcentagem de alunos do curso de Pedagogia que respondeu que os pais/responsáveis fazem parte dos grupos 4 ou 5 (engenheiro, médico, psicólogo, professor, microempreendedor...) foi menor do que no curso de Direito.

GRÁFICO 4 – CONTAGEM DE NOTA DE DESEMPENHO ACADÊMICO SEGUNDO OS ALUNOS, ESCOLARIDADE DOS PAIS/RESPONSÁVEIS E CURSO DE GRADUAÇÃO



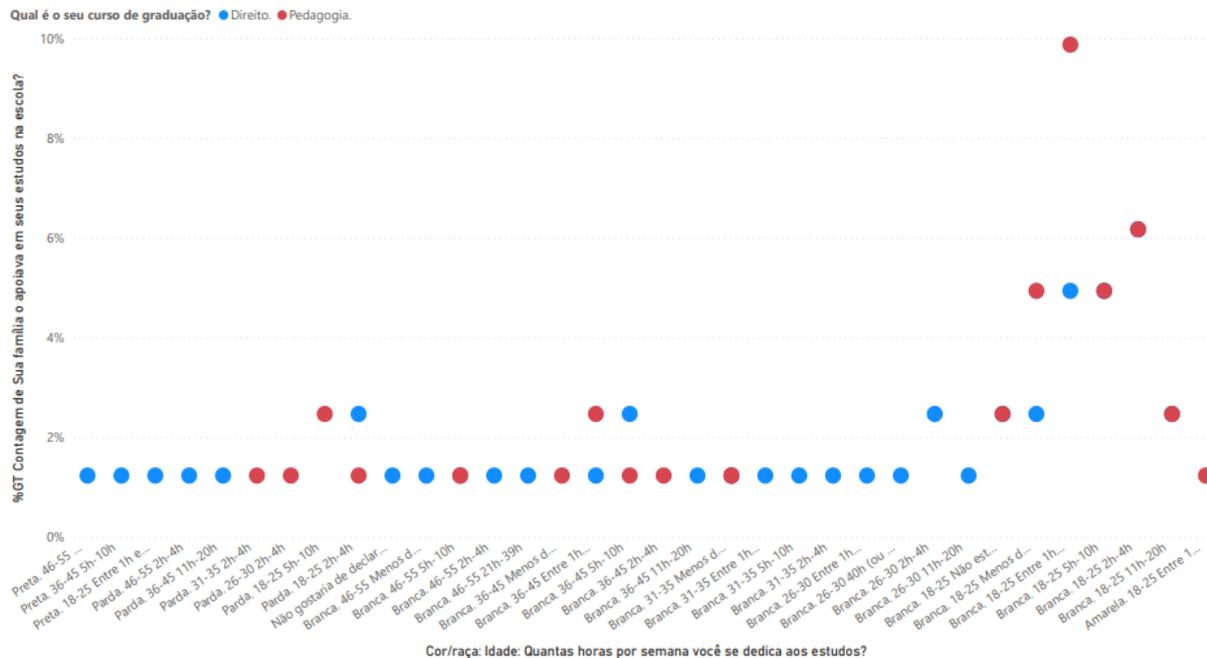
Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Já o Gráfico 4 relaciona o desempenho acadêmico do aluno com a escolaridade do pai/homem e da mãe/mulher responsáveis pelo aluno. Nota-se que, com nota 9, cresce o número daqueles cujos pais/responsáveis concluíram a faculdade e a pós-graduação, enquanto com notas mais baixas é maior a quantidade dos que tiveram escolaridade incompleta. Porém, as maiores notas estão no curso de Direito, enquanto as menores estão no curso de Pedagogia. Pode-se relacionar este gráfico com o gráfico seguinte no que diz respeito à quantidade de horas que os acadêmicos dedicam aos seus estudos durante a semana.

Além dessa informação, o Gráfico 5 relaciona o apoio da família aos estudos na escola com a cor/raça e idade. Porém, os dados mais relevantes são em relação às horas de estudos dedicadas semanalmente. Percebe-se claramente que a maior parte dos alunos de Direito dispõe de mais de 2h semanais de estudos, enquanto, na Pedagogia, a maior porcentagem tem entre 1h e 2h, o que nos permite concluir que os alunos de Direito tendem a ter melhor desempenho devido à maior quantidade de horas de estudos.

GRÁFICO 5 – CONTAGEM DE APOIO FAMILIAR NOS ESTUDOS, COR/RAÇA, IDADE, QUANTIDADE DE HORAS SEMANAIS DEDICADAS AOS ESTUDOS E CURSO DE GRADUAÇÃO

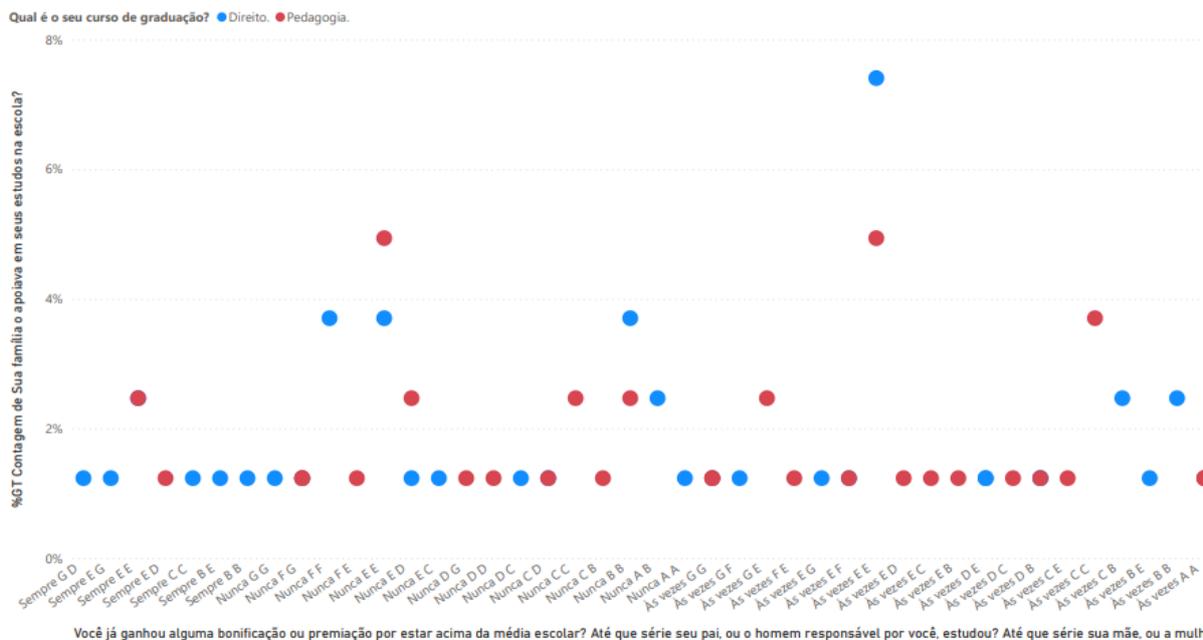
%GT Contagem de Sua família o apoiava em seus estudos na escola? por Cor/raça, Idade: Quantas horas por semana você se dedica aos estudos? e Qual é o seu curso de graduação?



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

GRÁFICO 6 – CONTAGEM DE APOIO FAMILIAR NOS ESTUDOS, BONIFICAÇÃO OU PREMIAÇÃO ESCOLAR POR ESTAR ACIMA DA MÉDIA, ESCOLARIDADE DOS PAIS/RESPONSÁVEIS E CURSO DE GRADUAÇÃO

%GT Contagem de Sua família o apoiava em seus estudos na escola? por Você já ganhou alguma bonificação ou premiação por estar acima da média escolar? Até que série seu pai, ou o homem responsável por você, estudou? Até que série sua mãe, ou a mulher responsável por você, estudou? e Qual é o seu curso de graduação?



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

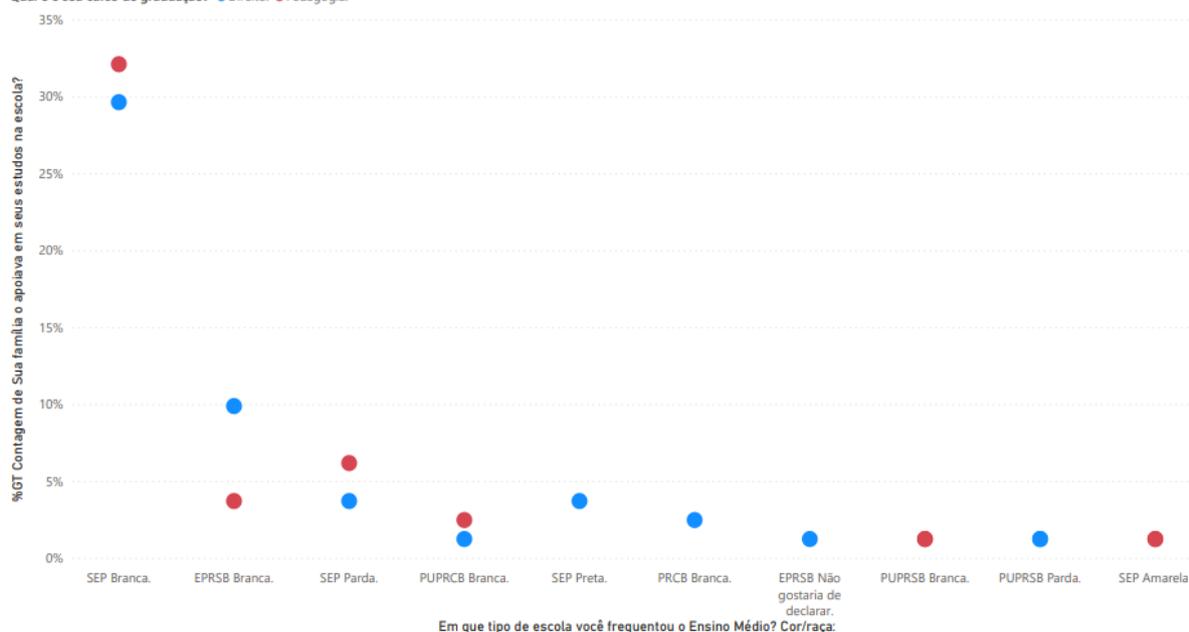
No Gráfico 6, pode-se analisar o apoio da família aos estudos na escola com a escolaridade dos pais/responsáveis e a bonificação aos alunos na escola, como medalhas, certificados ou prêmios, por estarem acima da média. No curso de Pedagogia, entre os que afirmaram que nunca ganhavam ou que ganhavam às vezes, na grande maioria, a escolaridade dos pais/responsáveis corresponde à educação básica incompleta. São raras as marcações dos acadêmicos que disseram que sempre ganhavam ou ganhavam as vezes e, nesse caso, a escolaridade dos pais/responsáveis correspondeu à faculdade e/ou pós-graduação completa.

Já no curso de Direito, a porcentagem dos que marcaram que sempre ganhavam ou ganhavam [muitas?] às vezes é superior ao curso de Pedagogia. Dentre esses, a escolaridade dos pais/responsáveis corresponde majoritariamente à graduação no ensino superior completa. O contrário também ocorre, ou seja, entre os que marcaram que nunca ganharam, a escolaridade dos pais/responsáveis corresponde a ensino fundamental incompleto.

GRÁFICO 7 – CONTAGEM DE APOIO FAMILIAR NOS ESTUDOS, TIPO DE ESCOLA FREQUENTADA NO ENSINO MÉDIO, COR/RAÇA E CURSO DE GRADUAÇÃO

%GT Contagem de Sua família o apoiava em seus estudos na escola? por Em que tipo de escola você frequentou o Ensino Médio?, Cor/raça: e Qual é o seu curso de graduação?

Qual é o seu curso de graduação? ● Direito ● Pedagogia.



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Por fim, o Gráfico 7 relaciona em que tipo de escola o aluno frequentou o ensino médio com sua cor/raça. As siglas correspondem à seguinte classificação: “SEP” representa “sempre em escola pública”, “EPRSB” representa “escola privada sem bolsa de estudos”; “PUPRCB” representa “parte em escola pública e parte em escola privada com bolsa de estudos”; “PRCB” representa “escola privada com bolsa de estudos”; “EPRSB” representa “escola privada sem bolsa de estudos”; “PUPRSB” representa “parte em escola pública e parte em escola privada sem bolsa de estudos”.

O dado mais relevante deste gráfico diz respeito à porcentagem de alunos de Direito que frequentaram a escola privada sem bolsa integral, a qual é muito superior em comparação com os alunos da Pedagogia. Da mesma forma, a porcentagem dos alunos que frequentam a escola pública entre os alunos de Pedagogia é muito superior em comparação com os alunos de Direito. Além disso, percebe-se que a cor/raça branca predomina em ambos os cursos e em escola privada, porém, entre os que marcaram preta, a porcentagem em escola pública é maior.

Portanto, a partir das análises dos gráficos, é possível relacionar os conceitos apresentados anteriormente. A trajetória escolar dos acadêmicos fica evidente quando se considera o capital cultural do seu meio familiar e o *habitus* cultivado e reafirmado pela escola. Isso nos leva a retomar o conceito a respeito dos excluídos do interior, explicado anteriormente, agora aplicado na comparação com os dois cursos pesquisados, Pedagogia e Direito, tendo em vista que o que tem mais prestígio social é o Direito.

Ao considerarmos os dados a respeito da ocupação de prestígio social dos pais, desempenho acadêmico, horas semanais de estudos e escolaridade no ensino médio, percebemos que o curso de Direito possui as melhores médias. Dessa forma, vemos novamente o conceito de *habitus* e herança familiar. As gerações futuras herdam de seus pais costumes e valores que determinam sua trajetória escolar e suas escolhas profissionais, mantendo o padrão estabelecido.

Considerações finais

Considerando o problema de pesquisa inicial, a respeito dos impactos do contexto familiar e social e seus resultados na vida dos acadêmicos, foi possível concluir que esse impacto realmente acontece. Além disso, conseguiu-se atingir o objetivo central, o qual era comparar o desempenho acadêmico (por meio dos resultados/notas e tempo de estudos) dos alunos dos cursos de Pedagogia e Direito, e os objetivos específicos, ou seja, coletar dados e analisá-los a partir dos conceitos de capital cultural, de Pierre Bourdieu, e temáticas relacionadas.

Dessa forma, pode-se perceber as disparidades entre os dados levantados nos cursos de Pedagogia e Direito dentro da instituição pesquisada. Além do mais, foi possível observar as diversas realidades a respeito das diferenças sociais, culturais e familiares, as quais influenciam diretamente no desenvolvimento acadêmico dos alunos gerando segregação e desigualdades.

Contudo, ainda é possível expandir este campo de pesquisa em outras realidades e contextos como, por exemplo, com outros públicos, cursos e instituições. Além disso, as análises de dados podem abranger ainda outras vertentes sociais, como a desigualdade de gênero, racial e de classe. Assim, conclui-se que esta não é uma área de pesquisa finita, mas sim uma porta de entrada para demais discussões e debates.

Referências

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOURDIEU, P. **Lições de aula**. São Paulo: Ática, 2001.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. **Ciências Sociais: a economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

BOURDIEU, P; CHAMPAGNE, P. **Os excluídos do interior**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008a.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S. A., 2008b.

JOURDAIN, A; NAULIN, S. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. São Paulo: Vozes, 2017.

LEBARON, F. Capital. *In*: CATANI, A. M; NOGUEIRA, M. A; HEY, A. P; MEDEIROS, C. (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MAUGER, G. Violência simbólica. *In*: CATANI, A. M; NOGUEIRA, M. A; HEY, A. P; MEDEIROS, C. (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NOGUEIRA, M. A. Arbitrário cultural. *In*: CATANI, A. M; NOGUEIRA, M. A; HEY, A. P; MEDEIROS, C. (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NOGUEIRA, M. A. Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, n. 26, p. 133-184, 2004.

RODRIGUES, A. T. **Sociologia da educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

TIMÓTEO, E. I; CARVALHO, A. C. F. A violência simbólica e o espaço escolar. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 10, n. 31, p. 194-201, 2016.

WACQUANT, L. Habitus. *In*: CATANI, A. M; NOGUEIRA, M. A; HEY, A. P; MEDEIROS, C. (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.